



Falar do **véu feminino na Igreja** é entrar num tema que, à primeira vista, pode parecer distante, controverso ou até ultrapassado. No entanto, quando abordado com serenidade, profundidade teológica e sensibilidade pastoral, o véu revela-se como uma **chave espiritual de grande riqueza**, capaz de dialogar com o coração do mundo atual. Não se trata de uma relíquia sem vida do passado, mas de um **sinal carregado de significado**, que ainda hoje sobrevive em alguns ritos e comunidades e que pode iluminar a nossa compreensão do corpo, da dignidade, da liturgia e do mistério de Deus.

Este artigo não pretende impor nem idealizar o passado, mas antes **explicar, contextualizar e acompanhar**, ajudando a compreender por que razão o véu foi tão importante na Igreja primitiva, que sentido tinha — e ainda tem — e como pode ser compreendido hoje sem caricaturas nem reduções ideológicas.

1. O véu na Sagrada Escritura: ponto de partida

O fundamento do uso do véu na Igreja primitiva encontra-se claramente na **Sagrada Escritura**, em particular na **Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios (1 Cor 11,2-16)**. Esta passagem, muitas vezes evitada pela sua dificuldade, foi interpretada de forma unânime pela Tradição cristã durante séculos.

São Paulo não fala do véu como uma simples convenção social, mas como um **sinal com dimensão teológica, litúrgica e espiritual**. Na sua argumentação surgem vários elementos-chave:

- **A ordem da criação**
- **A diferença e complementaridade entre o homem e a mulher**
- **A relação entre o visível e o invisível na liturgia**
- **A presença dos anjos no culto**

Para o Apóstolo, a oração cristã não é um ato privado nem puramente interior: é um acontecimento cósmico no qual o céu e a terra se encontram. O véu surge, assim, como um **sinal exterior que exprime uma atitude interior**: reverência, modéstia e consciência do Mistério.



2. Não uma imposição cultural, mas uma linguagem simbólica

É frequente ouvir-se que o véu era apenas um **costume cultural do mundo antigo**. Sem negar a existência de um contexto cultural específico, a Igreja primitiva nunca entendeu o véu apenas como uma norma social.

Isso comprova-se pelo facto de que:

- Foi mantido **em culturas muito diversas**, não apenas semíticas ou greco-romanas.
- Foi assumido **no âmbito litúrgico**, e não apenas na vida quotidiana.
- Esteve sempre ligado à **oração e ao culto**, e não à vida civil.

O cristianismo primitivo não eliminou os sinais culturais, mas **transfigurou-os**, conferindo-lhes um significado novo. O véu tornou-se assim uma **linguagem do corpo**, uma catequese silenciosa que falava de humildade diante de Deus e da sacralidade da pessoa.

3. O véu e a liturgia: entrar no espaço sagrado

Um dos aspetos mais esquecidos hoje é a estreita ligação entre o véu e a consciência do **sagrado**. Na liturgia antiga, tudo falava: os gestos, o silêncio, a orientação e o vestuário.

Cobrir a cabeça ao entrar em oração significava:

- Reconhecer que se estava **na presença de Deus**
- Aceitar que o Mistério é **maior do que nós próprios**
- Deixar de “se exhibir” para **adorar**

Assim como o sacerdote se reveste para o altar, também a mulher — enquanto orante — adotava um sinal exterior de recolhimento. Não para se esconder por vergonha, mas para **manifestar reverência**. O véu não dizia “a mulher vale menos”, mas “Deus é infinitamente maior”.



4. Maria, a Mulher velada por excelência

A iconografia cristã sempre compreendeu o véu à luz da **Virgem Maria**. Quase todas as suas representações tradicionais a mostram velada — e isso não é por acaso.

Maria é a **Mulher do silêncio fecundo**, aquela que guarda o mistério no coração, aquela que se deixa cobrir pela sombra do Altíssimo. O seu véu é imagem de:

- A sua **humildade**
- A sua **pureza**
- A sua total **disponibilidade para Deus**

Longe de ser um símbolo de opressão, o véu mariano é um **sinal de liberdade interior**, de quem não precisa de se exibir porque sabe quem é diante de Deus.

5. O véu como expressão de dignidade, não de submissão

Um dos maiores mal-entendidos contemporâneos é identificar o véu cristão com uma forma de **submissão feminina**. Essa leitura, porém, não resiste a uma análise séria a partir da teologia católica tradicional.

Na visão cristã:

- A mulher não é inferior ao homem.
- A diferença não implica desigualdade.
- O corpo não é um objeto, mas um **templo do Espírito Santo**.

O véu protegia precisamente essa dignidade, recordando que o corpo feminino não é mercadoria, nem espetáculo, nem objeto de consumo visual. Numa cultura — a nossa — obcecada pela exposição constante, o véu pode ser lido hoje como um **ato profundamente contracultural**.



6. Porque desapareceu o véu da prática comum?

Durante séculos, o uso do véu foi universal na Igreja latina. Só a partir de meados do século XX começou a desaparecer, sobretudo após o Concílio Vaticano II, embora **o Concílio nunca o tenha proibido**.

O seu desaparecimento deveu-se principalmente a:

- Rápidas mudanças culturais
- Confusão entre sinal e obrigação
- Perda do sentido do sagrado
- Uma compreensão empobrecida do simbolismo litúrgico

Mesmo o antigo **Código de Direito Canónico de 1917** o mencionava explicitamente. O Código atual já não o faz, mas **o silêncio jurídico não equivale a rejeição teológica**.

7. O véu hoje: liberdade, não imposição

É importante afirmá-lo com clareza: **a Igreja hoje não obriga as mulheres a cobrirem a cabeça**. Qualquer redescoberta do véu só pode ser entendida a partir da **liberdade interior**, nunca da imposição.

Em certos contextos:

- Comunidades tradicionais
- Celebrações do rito romano antigo
- Igrejas católicas orientais e ortodoxas

... o véu continua a ser utilizado como uma **opção espiritual pessoal**, como gesto de oração, recolhimento e amor pela Tradição.

Quando uma mulher decide hoje velar-se, não o faz para obedecer a uma regra exterior, mas para **expressir uma fé consciente**, um desejo de entrar mais profundamente no Mistério.



8. Um sinal que interpela o mundo contemporâneo

Numa sociedade marcada pela hiper-exposição, pelo individualismo e pela perda do pudor entendido como virtude, o véu levanta questões incómodas mas necessárias:

- Tudo deve ser mostrado?
- O que significa realmente a liberdade?
- Como vive o cristão o seu corpo diante de Deus?

O véu não é a resposta para todos, mas pode ser um **sinal profético**, um lembrete silencioso de que o ser humano não se esgota no que é visível.

9. Uma catequese silenciosa que ainda fala

Os sinais não morrem quando deixam de ser majoritários; morrem quando são esvaziados do seu significado. O véu, bem compreendido, continua a falar hoje com uma surpreendente atualidade.

Fala de:

- **Adoração**
- **Humildade**
- **Beleza espiritual**
- **Respeito pelo Mistério**

E recorda-nos que a fé cristã não se vive apenas com palavras, mas também com o corpo, com os gestos e com o silêncio.

Conclusão: cobrir-se para revelar o essencial

O véu não procura esconder a mulher, mas **revelar o essencial**: que diante de Deus somos todos criaturas, chamadas à comunhão, ao respeito e à santidade.

Redescobrir o seu significado — mesmo sem necessariamente recuperar o seu uso — pode



O véu: o código de vestimenta das mulheres na Igreja primitiva que
ainda sobrevive em alguns ritos | 6

ajudar-nos a reencontrar uma verdade esquecida: que **o sagrado precisa de sinais**, e que o cristianismo não teme o simbolismo, porque sabe que o visível pode conduzir ao invisível.

Num mundo que mostra tudo, o véu sussurra-nos que **Deus permanece Mistério...** e que só aqueles que se inclinam com humildade podem verdadeiramente contemplá-Lo.